

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria Alice Nunes

registada em 2009-02-03
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar

Maria Alice Nunes

Maria Alice das Neves Ventura Nunes nasceu em 27 de Dezembro de 1946. Filha de António Joaquim da Pena Ventura e Maria das Neves Ventura. O pai era carpinteiro, mas depois de casar “pôs uma camionagem”. Mais tarde “pôs um comércio” para os filhos, que eram nove. Da infância recorda o jogo da macaca, saltar à corda, brincar com bonecas de trapos que fazia “com as nossas próprias mãos”. Andou na escola até aos 11, 12 anos e foi aprender costura. “Fazíamos o serviço da casa ainda pequenos e de tarde íamos aprender costura para casa de uma senhora onde éramos sempre à volta de 15, 16 raparigas.” O marido já a conhecia desde pequena. Pedida em namoro por carta casou por procuração com um vestido cor-de-rosa de seda natural. “Eu casei-me a um domingo e ao outro domingo a seguir fui logo para África.” Ao fim de sete anos e meio regressou a Portugal, “viemos de África em 1975” e o marido ficou com o negócio do pai na Benfeita.

Índice

Identificação Maria Alice das Neves Ventura Nunes.....	4
Ascendência António Joaquim da Pena Ventura e Maria das Neves Ventura.....	4
Infância "Era um bairro ali de muita mocidade".....	6
Educação "Aí passávamos uma tarde formidável".....	7
Religião "Eram umas pessoas de família que nós tínhamos ali".....	8
Namoro "Ele já me conhecia a mim, mas eu era pequena".....	9
Casamento Um casamento, uma vida nova.....	10
Descendência "Esqueceu-se do nome dela".....	13
Percurso profissional "Ainda aguentei com o comércio em meu nome uns dois anos".....	15
Costumes Muita gente e muitas tradições.....	16
Lugar "De Verão vêm aí muitos turistas".....	22
Sonhos Sorte e saúde.....	23
Avaliação "É um trabalho bonito".....	23

Identificação *Maria Alice das Neves Ventura Nunes*



Maria Alice Nunes (Arganil, 1963)

Chamo-me Maria Alice das Neves Ventura Nunes. Nasci em 27 de Dezembro de 1946.

Ascendência António Joaquim da Pena Ventura e Maria das Neves Ventura

O meu pai chamava-se António Joaquim da Pena Ventura e a minha mãe Maria das Neves Ventura.

O meu pai em solteiro foi carpinteiro. Depois casou, deixou a carpintaria e pôs uma camionagem. Com camionetas de aluguer onde alugava camionetas

que iam a Coimbra todas as semanas, buscar os transportes de farinha para abastecer o concelho de Arganil. Para abastecer os padeiros com a farinha que ia buscar todas as semanas a Coimbra. Tinha duas camionetas, tinha três ou quatro empregados e ele estava no escritório a tomar conta da empresa. Nós éramos uma família de nove filhos. Morreram dois. Ficaram sete. Eu tinha um irmão mais novo. Eu era a seguir. Esse irmão já morreu fiquei eu a ser a filha mais nova.



Maria Alice com mãe, irmãos e amiga (Arganil, 1963) (esq. p/ dta: Adélia, Jaime, Maria das Neves Ventura (mãe); Beatriz, Maria Alice e Mariana)

Como era tudo gente nova o meu pai pôs, no nosso bairro que se chama Barreira em Arganil, um comércio onde vendíamos mercearia e vinho, era uma taberna. Teve muitos anos isso. Depois aumentou com mais um café. Porque tinha os filhos todos em casa empregados e à noite cada um trabalhava numa coisa ou noutra.

A minha mãe era doméstica. Era uma senhora que não sabia ler, mas que fazia uma conta mais rápida do que uma pessoa que soubesse ler e escrever. Era uma pessoa muito esperta. Uma boa cozinheira e uma boa mãe.

O meu pai tinha fazendas, mas tinha sempre pessoal de fora a quem falava e pagava para fazer a agricultura. Nós nunca fomos ligados à agricultura.

A casa onde eu nasci ainda hoje lá está. Transformada um bocadinho, mas ainda lá está a casa. Vivem lá irmãos meus, uns ao lado, outros ao pé, mas ainda se mantém tudo mais ou menos na mesma. É uma casa grande, uma casa enorme com quintal.

Infância "*Era um bairro ali de muita mocidade*"

A infância foi a jogar à macaca, saltar à corda, brincar com bonecas. Fazíamos as bonecas de trapo com as nossas próprias mãos que não havia dinheiro para comprar bonecas como hoje. Fazíamos aquelas bonequitas de trapos, com as cabeças de trapos, umas pernas e uns braços e enfiávamos a roupa. Eu tinha um bocadinho de habilidade para a costura, fazia saias, fazia blusas para as amigas todas, para as vizinhas, eu é que era sempre a costureira. Eram os nossos brinquedos de antigamente.

Jogavam ao pião. Nas caixas da sardinha, que eram de madeira antigamente, punham umas rodas. Nós vivíamos numa rampa, numa descida, eles punham o carro desde cima ali a andar por ali abaixo e era a brincadeira deles.

No tempo dos melões os rapazes e as raparigas esperavam que passassem as camionetas carregadas de melões. Já sabíamos que àquela hora, mais ou menos, passavam as camionetas carregadas com os melões. Tinham que passar mesmo ali à nossa porta. Então os rapazes e as raparigas estavam à espera que a camioneta passasse. Como era uma rampa tinha que subir. A camioneta tinha que ir ali devagar. Então eles subiam para cima da camioneta, sem o chofer e o ajudante verem, tiravam os melões e nós estávamos no chão e ou eles arrumavam para nós ou arrumavam para o chão. Depois comíamos os melões que se roubavam.

Lembro-me também que passavam aqueles rebanhos de gado que vinham da serra e ali parava tudo. Nós íamos comprar meio litro ou um litro de leite. Passavam os rebanhos. Comprávamos ao pastor. Eles ordenhavam à nossa frente e nós comprávamos. Eles faziam ali uma paragem.

Em Arganil, o meu bairro era de muita mocidade e juntávamo-nos. Eu e as minhas irmãs estávamos na loja e eu fazia a minha renda lá. Entretanto os filhos começaram a sair de casa, casaram-se e o meu pai teve que fechar porque ele e a minha mãe não podiam tomar conta do estabelecimento. Os meus pais só fecharam o estabelecimento depois dos filhos saírem todos de casa porque eles já não podiam. Os meus irmãos eram todos empregados. As raparigas é que ficaram em casa.

Educação "Aí passávamos uma tarde formidável"

Fiz a primeira em Arganil. Íamos a pé para a escola todos os dias. Não é como hoje que os pais têm que levar os filhos à escola. Não havia medo nenhum, não havia nada. Ainda andávamos um bocadinho. Íamos a pé. Depois saí da escola, tinha que optar ou por ficar em casa no estabelecimento a trabalhar e então ficava a trabalhar na parte da manhã.



Maria Alice das Neves Ventura Nunes (Arganil, 1963)

Saí da escola, com 11 ou 12 anos, e fui aprender costura na parte da tarde. De manhã estávamos em casa a fazer o serviço da casa e na loja. Não havia máquinas de lavar roupa. Tínhamos que lavar, passar a ferro, tomar conta da loja. Éramos muitos filhos. Os meus pais não tinham grandes possibilidades mas viviam, mais ou menos, bem. Para não irem estudar, as raparigas foram aprender costura. Fazíamos o serviço da casa ainda pequenos e de tarde íamos

aprender costura para casa de uma senhora onde éramos sempre à volta de 15, 16 raparigas. Aí passávamos uma tarde formidável. Ainda éramos pequenas, brincávamos, tínhamos meia hora, uma hora para o lanche. Nessa hora ainda queríamos brincadeira, ainda brincávamos se fosse possível. Na costura aprendi a costurar e aprendi a fazer renda. Andei até aos 18 anos talvez. Depois comecei-me a faltar. Eu julguei que já sabia fazer tudo, mas ainda faltava muito que aprender, fartei-me. Sabia que já sabia qualquer coisa e então depois desisti. Mas aprendi o suficiente para fazer sempre a minha roupa e a roupa da minha filha e ainda fiz a roupa dos meus sobrinhos. Fazia a minha roupa e alguma coisa de costura que fosse preciso fazer para casa. Fiz sempre a roupa para os meus sobrinhos, para os filhos dos meus irmãos mais velhos. As meninas, eu sempre é que as vesti. Até ir para África eu é que lhes fiz sempre a roupa.

Religião "*Eram umas pessoas de família que nós tínhamos ali*"

Baptizei-me em Arganil. O reitor que me baptizou, foi dos primeiros baptizados que fez em Arganil. O meu e de uma irmã minhas que fomos baptizadas no mesmo dia. O último casamento que ele fez em Arganil foi o meu. Nós fomos criados praticamente ali com o padre. Entrei para a escola, andei quatro ou cinco anos na catequese sempre com freiras. Eu fiz a minha catequese sempre com freiras, porque antigamente no hospital em Arganil, as enfermeiras eram freiras religiosas e eram umas pessoas de família que nós tínhamos ali. Nós ali íamos aprender. Tínhamos todos os dias ao fim da escola, catequese. Catequese que antigamente era a doutrina. Todos os dias íamos à doutrina. Tínhamos a professora na escola e ali tínhamos as freiras do hospital que sabiam a nossa vida toda. Eram amigas. Todas as crianças iam para ali aprender a catequese e fomos assim educados no meio das freiras e juntamente com o padre.

Eu comecei com uma freira desde a primeira classe até sair da escola e depois ainda fiquei mais um ano ou dois anos na catequese. Fiquei sempre com aquela freira. Havia cinco ou seis freiras, mas só duas é que eram catequistas. Nós no aspecto da religião fomos educadas, tratadas por elas. Havia um capelão também. Até uma certa idade fomos criados assim com as religiosas, que era muito bonito. As religiosas com os fatos compridos, só com a carinha à vista, de resto tudo tapado, a cabeça. Eram espanholas.

Fui crismada, fiz a Cruzada, fiz a Comunhão Solene, estive na JOC¹. Eram umas reuniões que se faziam. O padre e umas pessoas. Andei sempre metida nessas, tanto eu como os meus irmãos e as minhas irmãs, mais velhas.

¹Juventude operária católica

Namoro "*Ele já me conhecia a mim, mas eu era pequena*"

O meu marido em novo foi aprender mecânica para Arganil. Ele precisava de ficar em Arganil pelo menos durante a semana ou duas ou três dias por semana para não vir para aqui de bicicleta. Ficou hospedado em casa dos meus pais, porque os meus pais eram amigos dos pais dele. Ele diz que eu em pequena ainda cheguei a dormir com ele. Não sei que isso não me lembro. Ele talvez tivesse ido para lá com 15 anos ou 14 anos e esteve lá uns cinco anos a trabalhar, a aprender mecânico. Viveu lá cinco ou seis anos. Eu devia ter aí uns 5 anos ou 6 anos, já nem me lembra. Os meus irmãos mais velhos tudo se lembra, mas eu não me lembro. Viveu com os meus irmãos e com as minhas irmãs, porque ficava ali a comer e a dormir e só vinha passar o fim de semana aqui e vinha de bicicleta. Então eu já conhecia o meu marido. Ele já me conhecia a mim, mas eu era pequena. Entretanto o meu marido foi para África e passado uns anos foi de férias e foi visitar os meus pais. Não fazia mais do que o dever dele porque ele esteve lá uns anos em casa deles e eu já era crescida. Ele olhou para mim e talvez gostasse de mim ou não sei. Eu quando ele foi lá era capaz de ter aí uns 15 anos ou 16 anos.

Então a mim e às minhas vizinhas, éramos quatro ou cinco raparigas, prometeu que nos levava à Serra da Estrela dar um passeio. O meu pai que não era dessas coisas, deixar andar as filhas fora de casa e assim, como ele era conhecido e era amigo, marcou a hora ao domingo para irmos. Acontece que estávamos todas prontas para a Serra da Estrela e ele não apareceu e já não fomos. É uma recordação que eu tenho e as minhas amigas. E foi o único passeio que o meu pai nos deixava fazer porque íamos com ele e ele era uma pessoa de confiança, mas não demos o passeio. O meu pai também não se importava que a gente fosse ou não fosse.

Foi-se embora outra vez. Depois passados uns anos, sei lá, uns quatro, cinco anos, ele escreveu-me. Escreveu-me a pedir em namoro por carta. Eu tinha namorado um outro rapaz, um vizinho meu. Mesmo nessa altura eu zanguei-me com esse rapaz e foi assim:

- Oh, também não vou ficar sem namorado. Perdi um vou arranjar outro.

E aceitei em namoro ao meu marido. O meu marido tinha uns primos daqui que eram muito amigos do meu pai. Depois o meu pai falou com ele.

- "Ai ele é bom rapaz. Deixa fazer o casamento, deixa fazer o casamento."

Casamento *Um casamento, uma vida nova*

"Casei-me na capela do meu bairro"

Eu nasci, criei-me, baptizei-me, casei-me tudo em Arganil. Casámos por procuração. Eu fiz o casamento, os meus pais fizeram a boda tal e qual como se ele estivesse. Só saí de Arganil para ir para África. Casei-me e fui lá ter.



**Casamento por procuração de Maria Alice, Arganil,
1968 (esq. p/ a dta.: padrinho António Bernardo
Antunes, Maria Alice Nunes, cunhado Horácio)**

Como eu não tinha noivo, foi o meu cunhado que foi o meu padrinho. Fui a Coimbra com uma cunhada minha e comprei o tecido para o vestido. Era cor-de-rosa, seda natural. Estou a ver o vestido ainda porque, eu acho até que ainda o trago aí numa mala. Foi feito pela modista onde eu andei a prender a costura. Foi tudo feito lá. Então o vestido era de cava, era de corte rente ao pescoço. Tinha um fecho atrás. Tinha estes cortes que se usam hoje e era inteiriço. Tinha então um casaco comprido branco por cima do vestido. Na frente no cabelo não

levava nada. Levava um laçarote com um raminho de flores atrás. Luvas brancas e o raminho na mão. Foi assim o meu vestido. Fui para a capela do meu bairro. Casei-me lá. Ao fim da cerimónia foi o almoço feito em casa dos meus pais. Éramos 70 e tal pessoas talvez.

Teve sopa. Nesse tempo eram três ou quatro pratos, cozido, cabrito assado, outro prato. Muitos doces, muitos bolos que eram como antigamente se faziam os casamentos. Caseiros e tudo comidinha caseira. Não se ia para os restaurantes. Era em casa que se confeccionava tudo.

"Estive lá sete anos e meio em Moçambique"

Então depois fui para África com 22 anos. Quando me casei tinha uma pessoa amiga em Lisboa que me marcou a viagem de avião para ir. No dia em que eu me casei ainda não sabia qual era o dia em que ia. Passados dois dias recebi o bilhete de avião para ir oito dias depois. Eu casei-me a um domingo e ao outro domingo a seguir fui logo para África. Eu casei-me a 27 de Janeiro que foi no dia em que o meu marido fez anos. Embarquei devia ter sido dia 4 ou dia 5 de Fevereiro, porque foram oito dias. Um irmão meu e uma cunhada levaram-me a Lisboa ao aeroporto. Apanhei o avião, fiz paragem em Luanda onde tinha pessoas da minha terra amigas à minha espera. Estive umas tantas horas no aeroporto. Depois segui para a Beira.

Na Beira houve outra paragem, tinha pessoas amigas à minha espera. Tinha que se dormir uma noite na Beira e eu fui dormir, que já estava tudo combinado, em casa de pessoas conhecidas da minha terra. Eles estavam à minha espera para me levarem do aeroporto e depois ao outro dia irem-me tornar a levar ao aeroporto para eu seguir viagem para Nampula. À noite elas quiseram ir mostrar-me um bocadinho da cidade da Beira, então fomos dar uma volta à noite de carro. Acontece que no caminho tivemos um acidente. Fomos parar a uma clínica. Sei que gritei muito, gritei muito. Depois eles ligaram para os familiares. Foram lá ter connosco. Eu tinha que apanhar o avião ao outro dia para Nampula. Saí da clínica era meia-noite e tal. Nesse dia saí bem sem nada, ao outro dia já tinha as minhas pernas e os meus braços todos negros. Eu ia no banco de trás do carro e com o embate eu fui bater nos bancos da frente. Ao outro dia levaram-me ao aeroporto, mas ainda se notavam um pouco as negras.



**Maria Alice das Neves Ventura Nunes com
o marido António Nunes (África, 1968)**

Depois da Beira a próxima paragem foi em Nampula. Já estava o meu marido à minha espera. Ele conhecia-me e eu conhecia-o, mas por causa da confusão eu disse o que levava vestido, para ele não se ir agarrar a outra. Tinha o meu marido e um cunhado meu à minha espera e mais um casal de Arganil que eram familiares. Ainda hoje são vivos, familiares da senhora com quem eu aprendi costura. Engraçado que levei uma encomenda pequenina, dessa senhora, para esses senhores que estavam em Nampula à minha espera. Eu já os conhecia. Todas essas pessoas que estavam lá eram pessoas de Arganil que umas já lá estavam há uns dez anos, outras há uns dois anos mais ou menos. Houve uma filha da senhora com quem eu aprendi costura que foi uns dois meses antes de mim e também estava à minha espera porque a terra era pequena, conhecia-se: - "Ah, está na Beira então a minha filha vai esperar."

Levei no meu saco coisinhas que mandaram. Levei para a Beira e levei para Nampula. Um foi um fio, outro foi uma coisa para uma pessoa de família, um neto.

Então fiquei quatro dias em Nampula em viagens de núpcias. Depois de Nampula é que regressámos ao Chiúre que era onde o meu marido estava a viver. Ele era comerciante e tinha machambas. E lá sociedade com um irmão. Estive lá sete anos e meio em Moçambique onde trabalhava todo o dia na loja. Tínhamos empregados, tínhamos criados em casa.

Ao fim de sete anos e meio nós tínhamos a viagem marcada para vir de férias. Eu, o meu marido e a minha filha. Vínhamos em Julho. Deu-se o 25 de Abril. Como tínhamos as férias marcadas e as viagens já pagas, viemos à mesma de férias. Viemos de férias por dois meses. Entretanto as coisas começaram-se a complicar e o meu marido foi e eu fiquei com a minha filha. Fiquei em Arganil em casa dos meus pais e ele esteve lá desde Setembro até Dezembro. Acho que já cá passou o Natal. Esteve lá esses meses sozinho. Porque nós tínhamos lá muita coisa. Ele foi e eu fiquei. Depois ele tratou das coisas e veio ter a Portugal. Ele era daqui, eu era de Arganil. Eu gostava muito de ter ficado na minha terra. Tinha lá os meus pais, tinha lá a minha família toda. Tinha estado sete anos e meio sem estar ao pé da minha família e eu preferia que o meu marido tivesse arranjado qualquer trabalho, qualquer emprego ou estabelecesse em Arganil. Ele não quis. Quis vir para aqui.

Custou-me um bocadinho porque eu tinha ido para África, nunca tinha saído de Arganil. Tinha vindo cá uma vez para ir ver a Fraga da Pena, mas nem demos com o caminho. Voltámos para trás e não vimos nada. Fui a um lado e fui a outro, mas fiz a minha vida toda em Arganil. Fuí para África, voltei uns meses para Arganil e depois é que vim para a Benfeita. Custou-me porque vim para outro ambiente, vim para outro meio, mas com o tempo fui-me habituando.

Descendência "*Esqueceu-se do nome dela*"

Passado um ano e pouco de estar no Chiúre fiquei grávida da minha filha. A minha filha nasceu em Porto Amélia em casa de uma parteira minha conhecida que era de Arganil. Ela era parteira e o marido era enfermeiro. Eu quando saí do Chiúre para ir para o Porto Amélia para ir ter a minha filha fui para uma pensão para ir ao hospital depois ter a criança. Ela soube e foi ter comigo e levou-me para casa dela. A minha filha nasceu numa casa particular. Nessa semana em que nasceu a minha filha, essa parteira fez seis partos. Todas meninas.



Maria Alice das Neves Ventura Nunes com a filha (África, 1970)

"Não sabia como é que se chamava"

Estive depois lá oito dias com ela. Ao fim de oito dias de a ter passámos no Registo Civil. Eu com a menina ao colo e o meu marido saiu do carro para ir registar a filha. Acontece que chega ao Registo Civil e esqueceu-se do nome dela. Não sabia como é que ela se chamava porque ele só me tinha ido buscar nesse dia. Não sabia como é que se chamava. Lá perguntaram. Nesse tempo a cidade era pequenina, não era como quando eu me vim embora. Quando o vejo muito aflito na varanda do Registo Civil a chamar:

- "Ó Alice, ó Alice. Como é que se chama a nossa filha que eu não sei o nome dela? "

Tive que lhe dar o nome para ele ir registá-la porque se esqueceu completamente como é que ela se chamava.

Então depois vim com o bebé e viemos para o Chiúre onde estive sempre.

Graças a Deus a minha filha foi sempre muito saudável. Teve uma ou duas vezes paludismo. Fui uma vez ou duas vezes com ela a Porto Amélia. E eu graças a Deus nunca foi preciso ir ao médico com ela porque a parteira, que era a médica dela, não me deixava ir ao médico. Mas graças a Deus pouco ou nada foi preciso que ela foi muito saudável.

Ela entretanto entrou para a escola. Até à quarta classe fez aqui. Eu fui professora dela. A professora praticamente não teve trabalho com a minha filha porque eu é que lhe ensinava tudo em casa. Até porque ela nem fez a primeira classe. Foi para a escola de caminho para a segunda classe. Depois quando foi para sair não tinha a idade tivemos que escrever para o Ministério da Educação para ter autorização para ela sair e ir para Arganil para o ciclo porque ainda não tinha idade. Depois foi estudar para Arganil. Ficou em casa da minha família. Vinha só passar os fins-de-semana e andámos assim uns anos. O último ano ela foi fazê-lo a Oliveira do Hospital, o 12º ano.

A minha filha estudou, empregou-se, casou-se e ficou a viver aqui comigo cinco anos. Teve uma menina aqui, a Inês e durante três anos fui eu que a criei. A menina hoje ainda se engana e me chama mãe, porque enquanto ela viveu aqui, eu é que a criei. A minha filha saía de manhã e só regressava à tarde ao fim do serviço. Eu fui a mãe da menina e depois eu é que tratava dela de manhã à noite. Muitas das vezes eu tinha que me levantar de noite. O meu genro é enfermeiro, tinha que ir trabalhar não podia perder as noites e a minha filha também. Eu ouvia-a chorar, porque eu dormia por cima, e levantava-me às onze horas, meia noite uma da manhã e vinha buscar a menina. Pegava-a ao colo e eu é que a tinha que adormecer porque ela estava muito, muito habituada comigo.

Percurso profissional "*Ainda aguentei com o comércio em meu nome uns dois anos*"

Nós viemos de África em 1975 e só quando veio é que ele ficou com o negócio do pai. Eu esses meses fiquei em Arganil em casa dos meus pais. Foi de Julho de 1975 a talvez princípios de Janeiro ou fim de Janeiro de 1976. Depois ficámos na Benfeita estabelecidos. Ele comprou o comércio e a casa aos pais. Então estabelecemo-nos aqui. Tivemos o comércio 20 anos mais ou menos. O meu marido vendia materiais de construção e fornecia obras. Eu estava na loja.

O meu marido entretanto adoeceu. Foi roubar cerejas e partiu um pé, foi para Coimbra e teve que ser operado. Não ficou bom, tinha muitas dores e eu já não aguentava o serviço sozinha porque era muita coisa em cima de mim. Fui ter com o médico de família e disse-lhe que o meu marido não estava bem porque queixava-se muito da perna.

Então o meu marido foi fazer umas análises a mando do médico para ver o que ele tinha. Acontece que nessas análises que ele foi fazer detectou-lhe que tinha uma doença má no fígado. Foi detectada aquela doença, teve que ser operado ao fígado e foi reformado por invalidez. Cortaram-lhe 70% do fígado. Uma vez que ele foi reformado por invalidez, o comércio teve que passar para meu nome. Eu ainda aguentei com o comércio em meu nome uns dois anos.

No dia em que eu ia para falar com o médico a Côja mostrar-lhe as análises que ele tinha e o médico viu o problema, saí do consultório e fui falar com a minha filha. Nessa altura estava em Côja a trabalhar na Caixa Agrícola. Fui falar com ela e combinámos aí à noite quando ela saísse do serviço irmos a Coimbra falar com um médico nosso amigo, para ver se ele tratava das coisas a ver se o meu marido ia o mais rápido possível ser internado. Então eu eram umas seis horas vim para vir arranjar-me, preparar-me para ir com a minha filha para Coimbra. Vou a descer as escadas, caí e parti as duas pernas. Eu ainda tive que ir primeiro para Coimbra do que o meu marido porque parti as duas pernas. Os médicos queriam que eu ficasse internada porque eu levei gesso nas duas pernas até por cima do joelho. Então eu pedi ao médico que me deixasse vir para casa nem que ficasse na cama.

O meu marido ficou internado no domingo e eu continuei aqui em casa um mês e tal com gesso. Cheguei a ir a três consultas com o gesso a Coimbra. O meu marido estava no hospital e eu nunca o pude ir ver. Ele foi operado, a loja passou para meu nome porque ele ficou reformado por invalidez. Eu não gostava muito. Resolvemos então e fechámos.

Costumes *Muita gente e muitas tradições*

"Uma pessoa para o campo já não leva comida"

Geralmente as pessoas trabalhavam no campo. Por exemplo, se eu tinha fazendas e não podia ir para o campo, falava a uma pessoa de fora e essa pessoa ia-me fazer o serviço. Aquelas pessoas com mais posses tinham caseiro, ou tinham essas pessoas a quem falavam. Elas iam-lhe semear as batatas ou o milho. Quem queria falava ao pessoal, pagava.

À tarde iam levar a merenda ao pessoal que era muito engraçado também. Traziam as mulheres a trabalhar no campo e então depois de Verão à tarde iam levar a merenda onde faziam, não eram os coscoréis, chamam-se filhoses, são assim aquelas mais pequenas, aquelas redondinhas. Levavam filhoses, levavam queijo, levavam sardinha frita e depois as pessoas a umas tantas horas, cinco

horas, seis horas deixavam de trabalhar. Tudo se sentava de volta da mesa ou no chão estendiam uma toalha. Conforme as pessoas que andassem a trabalhar ia a merenda para as pessoas comerem. Para os homens era vinho, para as mulheres era café ou chá e vários condutos, o que as pessoas podiam fazer. Tudo do bom e do melhor. Então as pessoas estavam ali meia hora, três quartos de horas sentadas a comer. Acabavam de comer, iam, pegavam outra vez ao serviço até à noite até enquanto houvesse sol, continuavam a cavar a terra. Também era muito engraçado isso, que hoje já não se faz. Uma pessoa para o campo já não leva comida. Hoje já pouca gente cultiva porque praticamente já é tudo de uma certa idade. Cada um hoje cultiva um bocadinho para si. Umás batatinhas, umas cebolas, umas coisas, porque também já não podem.

"Lembra-me e sei fazer broa"

Tinham os moinhos. Iam ao moinho moer o milho. Havia muitos moinhos. Uns eram de meias, outros eram de três, quatro pessoas, outros eram só de uma pessoa. Hoje acho que só há aí um ou dois moinhos a trabalhar, mas antes havia vários. Agora vai um moer, amanhã vai outro, logo vai outro. Cada um por sua vez. Nesse aspecto sabiam que eram dessas pessoas. Por exemplo, a levada para regarem os terrenos, ainda hoje há uma levada comunitária e cada um sabe que eu quero regar, outro quer regar e esperam uns pelos outros. Cada um rega a seguir uns aos outros.

Lembra-me e sei fazer broa. De vez em quando ainda faço. Ora é assim: peneira-se a farinha de milho para uma bacia, um alguidar ou uma gamela. Antigamente era só naquelas gamelas de madeira. Tenho uma preta. Essas é que são lindas e aqui não encontram mais nenhuma. Depois punha-se água morna para dentro. Mexia-se bem. Punha-se uma porção de farinha de milho, uma de centeio e uma de trigo e então o fermento necessário para a levedura da massa. Amassava-se aquilo bem amassado então punha-se a repousar que era para ela crescer. Tapava-se com uma manta. Havia pessoas que diziam que pondo umas calças com a braguilha das calças dos homens em cima da manta que estava a cobrir a broa, que levedava mais depressa. Ou então pôr uma faca de aço debaixo da bacia em que estava a levedar a massa. Deixava-se estar aí duas horas, conforme ela ia crescendo. Acendia-se o forno. Quando se vê que a massa está lêveda limpa-se o forno, bem limpinho e então começa-se a cortar a massa para dentro de uma escudela. É o nome que tem. Põe-se com a mão para dentro daquela escudela, um bocadinho de farinha na escudela, põe-se a massa e depois batia-se para a broa ficar redondinha. Está uma pessoa a segurar a pá do forno, põe um bocadinho de farinha na pá do forno que é para não agarrar a broa.

Depois a pessoa mete para dentro do forno. Quatro, cinco ou seis broas que dê. Há pessoas que deixam ficar um bocado de massa na gamela, ainda hoje eu gosto muito, fazem um picado com bastante cebola e azeite e bacalhau desfiado e depois fazem um bolo de cebola. Pode ser de chouriço e carne. Há também quem faça com sardinha. Mas temos que ter aquela cebola picadinha, com bastante azeite com um bocadinho de pimenta e depois juntar aquilo tudo ao resto da massa. Põe-se também na pá do forno, mete-se dentro do forno. Mas essa é uma coisa que se tem de bater com a pá do forno que é para ele ficar baixinho, aí com 2 centímetros. Se ficar como a broa já não é bom. Tem que se bater dentro do forno com a pá que é para ele não crescer. Então faz-se aquele bolo, come-se quente que é de comer e chorar por mais. É pena não vir agora um bocadinho. Que é muito bom. Há bolo de sardinha, de carne e de bacalhau. Geralmente toda a gente que cozia a broa, no fim fazia sempre um bolo que era uma refeição. Um prato de sopa e um bolo daqueles. Aquilo fica uma coisa grande, dava para três, quatro pessoas. Ainda hoje se faz isso. As poucas pessoas que ainda cozem, ainda fazem muito o bolo de cebola, de sardinha ou de bacalhau. O meu genro acende o forno, coze a broa e faz os bolos para comer. A minha filha quando chega a casa tem os bolos. Às vezes quando lá estou ainda ajudo.

Havia aí muitos fornos, hoje já não. Eu na altura não tinha. Tenho agora, mas foi desde que mudei, porque eu morava noutro sítio. Por exemplo, havia uma pessoa que tinha um forno, ia outra vizinha pedir e ela deixava lá ir cozer a broa. Às vezes, até se juntavam duas pessoas ou três e coziavam todas de uma vez. Em casa dos meus pais, por exemplo, no meu bairro só havia um forno que era o dos meus pais e toda a vizinhança ia ali cozer o pão. Nós éramos miúdos e gostávamos muito. Estávamos ali ao pé das velhas, ouvíamos histórias antigas e estávamos ali na conversa. Às vezes, quando dava para noite, então no inverno, uma pessoa queria estar ao quente e então estava a ouvir. O bairro todo ia cozer a broa no forno dos meus pais.

"Antigamente não se congelava, ia tudo para o sal"

O meu pai criava todo o ano dois porcos, que se matavam antes do Natal. Havia enchido e havia carne que dava quase para o ano inteiro. E era assim a nossa vida. O senhor que matava o porco era nosso vizinho. Ia um dia de manhã matar o porco. Matava-se e nesse dia preparava-se o porco. Pendurava-se, limpava-se, ficava ali a escorrer para o outro dia. Isso na altura em que se pendurava o porco no gancho. Nesse dia fazia-se as morcelas que são aquelas chouriças pretas. Quando ele estava pendurado, eu era miúda, mas para a minha mãe e para as pessoas que iam lá trabalhar, já havia o sangue do porco cozido

com alho e azeite. Quando o porco estivesse pendurado, os que ajudaram a matar o porco, todos, comiam ali daquele sangue. Depois disso cada um ia à sua vida. Ao outro dia de manhã, estava lá o senhor que matou o porco, para desmanchar o porco, para se dividir as carnes.

Umam carnes eram para chouriças de carne, outras era, para farinheiras, outras eram para bufeiras, e os presuntos que eram para salgar. Parte da carne, antigamente não se congelava, ia tudo para o sal. Guardavam-se as mãos do porco e os pés. Guardavam-se e comiam-se no dia de Carnaval com grão guisado. Era a praxe. Dia de Carnaval tinha que se comer os pés e as mãos do porco. Guardavam-se no sal até a essa altura. Era a tradição.

As chouriças, deixavam-se estar três, quatro dias temperadas, punham-se no caniço até secar. Ao fim de secas, lavavam-se e punham-se em azeite. Antigamente não havia óleo. Era no azeite. Punham-se em talhas de barro e ficavam aí no azeite para dar para o ano inteiro. Os presuntos punham-se no sal, guardavam-se no sal. Estavam quanto tempo era necessário. Depois tiravam-se, levavam-se para o caniço a secar. Eram pintados com azeite e com colorau e punham-se no cimo da salgadeira sem apanhar sal para estar tenro. Era presunto que se ia comendo durante o ano em sandes, para pôr na comida e para essas coisas.

"Tudo ia lavar à ribeira"

Antigamente havia muito mais gente, muita mocidade, muita gente jovem. Era totalmente diferente do que é hoje. Pronto, era uma aldeia cheia. Hoje praticamente quase não tem ninguém. Faziam-se aí uns bailaricos pelo Carnaval, faziam-se almoços. A terra por si era mais feia. Hoje está mais bonita. Mas havia muito mais mocidade, havia tudo do que há hoje. Hoje vamos por aí acima e sou capaz de passar na aldeia e não ver uma pessoa, e naquele tempo não. Havia muita juventude. Eu já conheço pessoas que quando vim para aqui que eram solteiras e que hoje já têm netos.

Quando cheguei já havia electricidade, já havia tudo. No tempo do meu marido é que não. A paisagem não quer dizer que fosse muito mais feia, mas era engraçado porque quando eu vim para cá ainda não existiam máquinas de lavar roupa e quem não tinha um tanque em casa ia lavar à ribeira. Cada um tinha a sua pedra ou então marcavam a pedra. Hoje já ninguém vai lavar à ribeira porque tudo tem uma máquina de lavar.

Outros tinham uma tabuazinha com uns recortes, lavava-se nessas tábuas, com uma joelheira. E assim é que se lavava a roupa. Punham a roupa a corar na relva e era assim que se lavava. Hoje já ninguém vai lavar à ribeira. Tudo

tem máquina de lavar. Tudo modificou. Era engraçado ver as pessoas irem para a ribeira com a bacia à cabeça e a joelheira debaixo do braço, mas isso tudo acabou. E ainda bem, Graças a Deus.

Muita gente tinha gado. Havia aí pela rua acima, pela rua abaixo. Hoje já não há ninguém que tenha gado. Muitas pessoas criavam o porco. Chegava-se ao fim do ano matava-se o porco. Hoje já ninguém mata. Hoje fazem-se as festas, fazem-se os bailes, tem que se contar com as pessoas de fora porque aqui a mocidade é pouca e só tem praticamente os velhos. Mas eu prefiro hoje do que preferia antigamente. Hoje gosto mais.

"Aqui ainda é tradição o padre vir a casa com uma cruz"

Temos as festas anuais. Começa com a festa do Santíssimo Sacramento em Junho, depois temos a festa de Agosto que traz as pessoas de cá, umas que estão em Lisboa a viver, outras estão em Coimbra, outros estão no Porto e no mês de Agosto tudo se junta aqui na terra quando é o 15 de Agosto. Praticamente vem toda a gente passar o mês de Agosto aqui. Vêm pelo Natal e também vem muita gente passar a Páscoa. Aqui ainda é tradição o padre vir a casa com uma cruz e vem quase toda a gente. Só quem não pode é que não vem pela Páscoa abrir a casa ao Senhor. Pelos Santos também costuma vir muita gente, que é a visita ao cemitério. Isso não mudou nada. Talvez com menos gente, que havia mais gente. Mas isso praticamente, os dias são os mesmos, as datas são as mesmas. Umhas com mais gente, outras com menos. Temos umas procissões muito bonitas, os mordomos oferecem uma oferta, uma fogaça. As fogaças vão à cabeça de senhoras na procissão. Vai a música a tocar, vai o padre com o pálio na frente. Vai a irmandade. Isso pouco ou nada mudou. As ofertas continuam a ser boas como antigamente ou ainda melhores. Nas ofertas hoje tudo põe um leitão, tudo põe do melhor nas ofertas. Põem a tigelada que é um doce típico aqui da terra, arroz-doce, coscoréis, o bucho que é um chouriço daqui, que é tradição aqui da terra, fruta, bebidas, uísque do melhor. Tudo gosta de apresentar, de oferecer o melhor.

Doces típicos da terra

Sei fazer tigelada. Até tenho uma fotografia que foi tirada no ano passado. Uma dúzia de ovos, um litro de leite e uma colher de açúcar por cada ovo. Eu bato primeiro os ovos com um bocadinho de açúcar. Ao fim de ter batido ponho o leite para dentro e depois provo, porque o primeiro açúcar que se põe não é o suficiente para fazer a tigelada. Então depois pomos o resto do açúcar, provamos para ver

se está bom, mexe-se bem mexido. Está o forno quente, mete-se o líquido dentro de uns tachos de barro e vai ao forno a cozer durante aí duas horas, conforme. É um doce típico daqui que é muito bom.



Maria Alice das Neves Ventura Nunes com o Marido, no durante o processo de cozedura do doce regional tigelada (Benfeitá, 2008)

Os coscoréis eu não tenho força para os amassar, mas também se batem os ovos com o açúcar, depois põe-se a farinha, fermento em pó, há quem ponha um bocadinho de fermento em pó e fermento do padeiro. Há quem ponha um bocadinho de aguardente, mas isso já há quem quer e quem não quer. Bate-se bem batido, com as mãos bem batido. É preciso muita força e a minha coluna não é boa para isso, e deixa-se estar a levedar a repousar. Passado uma ou duas horas, a massa cresceu dois dobros ou três, conforme a pressão que a gente faz. Depois começa-se a tirar aos bocadinhos com a mão, faz-se uma bolinha depois começa-se a esticar. Está o óleo quente em cima do fogão e nós vamos com aquilo esticadinho na nossa mão e pomos a fritar. Vira-se de um lado e vira-se de outro e estão prontos a comer. Há quem goste de pôr açúcar por cima, há quem não goste. Eu por mim prefiro pôr um bocadinho de açúcar com canela, gosto mais. Para comer depois com café ou com chá, gosto mais de pôr um bocadinho de açúcar e canela.

Lugar "De Verão vêm aí muitos turistas"

Aqui neste momento temos o Sino da Paz, a igreja de Santa Rita e a Senhora da Dores que é naquela escadaria onde fica o relógio. Eu não sei contar bem. Sei que o relógio dá as 1600 e tal badaladas, todos os anos, no dia 7 de Maio. Começa às três horas da tarde. Porque foi quando acabou a primeira ou a segunda Guerra Mundial, mas não sei explicar bem. Tem a casa do museu, mas ainda não foi aberta ao público. Tem a Fonte das Moscas que é um sítio em que está sempre uma bicazinha a deitar. É por cima do quiosque. Quem atravessa aquela pontezinha por cima de madeira, em cima fica a fonte. Tem uns bancos, uma mesa, para fazer ali um piquenique, para estar ali um bocado a ver a paisagem da Benfeitá dali. Essa fontezinha também tem uma história qualquer, mas também não sei contar. É uma bica. Está a deitar água. Chega-se ali de Verão e bebe-se água. A água é boa para beber.

De Verão vêm aí muitos turistas. Passam muitos turistas, porque está ali a praia fluvial e chama aqui muita gente. Há um quiosque que está aqui aberto durante quatro meses. Começou o ano passado, quatro meses de Verão, desde Junho a Outubro, e estive para aqui muita gente de fora e as pessoas da terra também vão. Tudo vai ali durante o dia. Ao domingo passam ali a tarde. Comem e bebem e há ali de tudo a vender para comer e para beber. É aí o divertimento.



Inês e Francisco, netos de Maria Alice (Dezembro de 2006)

Sonhos *Sorte e saúde*

Gostava de ver os meus netos formados, com saúde e com sorte. Queria que o meu marido depressa começasse a ver, porque tem sofrido muito. Ele e eu. Porque vai já na quarta operação que vai fazer e tem sido muito difícil o restabelecimento, que ele fique a ver bem.

Avaliação "*É um trabalho bonito*"

Eu acho muito bem, há pessoas que gostam de saber o passado. Estes livros vão ficar, para a velhice ou para os meus netos. Espero que um dia eles possam ler e ouvir aquilo que eu disse. Acho que é bonito, que é um trabalho bonito.